

## **Anamnese**

Por Íris Schmitt

Assistindo a *Anamnese*, tento me manter imparcial e sóbria, mas choro como chorei da primeira vez. Não é um filme fácil de se ver, e, por isso, diferente da maior parte do que se encontra por aí, traz uma potência que esteve em falta no tratamento do tema. Há algo surpreendente, sensível e desafiador na escolha de ponto de vista neste filme. O relato volátil, esburacado e ausente de quem está perdendo a capacidade cognitiva não costuma ser considerado. O discurso repetitivo, confuso e, por vezes, mentiroso de uma pessoa com demência desconcerta tanto os auto-declarados 'sãos', que prontamente usamos nossa suposta sanidade para desqualificá-lo. Por uma certa noção de que alguém precisa lembrar, nos responsabilizamos. Por amor e afeto, mas também por lealdade ao controle e à ordem, nós assumimos o papel de gerir, registrar e falar por quem já não pode mais representar a si mesmo como antes.

O medo da perda, a dificuldade de lidar com as mudanças, a falta de controle sobre o processo e a ameaça iminente da chegada do dia em que nós não nos reconheceremos mais assombram o íntimo de todos que convivem com vítimas da demência. O filme de Tiago Lipka é uma imersão intensa que nos intima a sair do nosso lugar seguro do autocontrole e passar a reconhecer o que assombra o íntimo de quem vive, em si, a doença. Estamos tão embebidos na sobriedade prática e pragmática de nossa própria dor que esquecemos de quem mais importa. Esquecemos que quem estamos perdendo está se perdendo antes de tudo e essa é a mais dolorosa das dores. Desejamos intensamente acreditar que a demência possa estar, ao menos, blindando suas vítimas da consciência de sua própria condição, que a aparente inocência do esquecimento as impeça de sentir o peso da verdade.

Uma das cenas do documentário traz um quadro na parede que diz para o demente que ele está bem. Que está tudo bem. Que ele não vai se mudar. Que ninguém vai se mudar. Diz que ele não está incomodando. Não consigo passar ilesa por essa imagem. Não consigo evitar a lembrança de que minha própria avó também estava sempre inquieta, querendo ir para outra casa; que tinha rompantes de choro desoladores durante atividades ordinárias; que, sim, muitos de seus comportamentos desarvorados geravam incômodos e que omitir esse sentimento mesquinho fazia parte do pacto coletivo de alívio do sofrimento. Fazemos o que parece certo, mas quase nunca perguntamos o que eles preferem.

(Fazer) *Anamnese* incomoda. Relembramos quem eles foram, o que fizeram, do que gostavam. Seus trejeitos, seus bordões, sua vitalidade. Nós podemos lembrar, eles não. Nós os olhamos e vimos tudo: o agora, o antes e tudo que ainda está por vir. Julgamos que não percebem nada disso, que estão presos no looping do presente. Quão doloroso seria assumir que erramos, que silenciámos, ignoramos e negligenciamos o sujeito que estava ali enquanto egoicamente sentimos falta daquilo que já não era mais?

*Anamnese* faz doer ao não deixar dúvidas de que temos sentimentos do começo ao fim, de que choramos ao nascer e ao morrer, mesmo que não compreendamos o que nos faz chorar. No meu caso, desafiou-me a enxergar que talvez minha avó soubesse porque chorava e que eu é que não tive coragem de perguntar. Talvez sua dor fosse

tão grande que não coubesse em palavras, ou, nessas frases coerentes, com começo meio e fim, que os 'sãos' gostam de dizer. De todo jeito, talvez a confiança na lógica, na memória e na concatenação de ideias sejam barreiras de proteção para nossa sensibilidade, tentando nos afastar dos escombros da nossa alma, mantendo nossos olhos bem abertos, estáveis e atentos ao exterior, mas amedrontados de enxergar os castelos de areia e os monolitos assustadores que moram no nosso escuro.